

Diário de Bordo – Leitura e Discussão:

O Ensino por Investigação – Pressupostos e Práticas

Na semana passada, fizemos a leitura e o debatemos do texto O Ensino por Investigação: Pressupostos e Práticas, do módulo 7 da Licenciatura em Ciências da USP/Univesp. A leitura foi feita previamente, o que possibilitou uma discussão mais aprofundada em sala. A professora explicou que esses encontros e reflexões servem como base para planejarmos e ministrarmos nossa primeira aula no estágio — o que, para mim, dá um peso e uma utilidade ainda maior ao que estamos estudando.

Durante a leitura, me chamou atenção como o texto propõe uma ruptura com o modelo tradicional de ensino, no qual o professor apenas transmite conhecimento e o aluno o reproduz. Em vez disso, o ensino por investigação parte da ideia de que aprender envolve desequilíbrio, curiosidade e construção ativa do saber. Essa abordagem me fez repensar o papel das “perguntas” em sala: nem toda pergunta é um problema. Muitas vezes, o que chamamos de problema é apenas um exercício travestido — algo com resposta única, caminho já conhecido, sem espaço para o pensamento criativo. Em Química, isso é muito comum. A gente acaba achando que ensinar é resolver listas. E o texto vem justamente desmontar essa lógica.

Na discussão em sala, falamos sobre como, para que o aluno realmente investigue, ele precisa ser provocado, desafiado, colocado em situações que exijam reorganização de ideias. Um verdadeiro problema, segundo o texto, é aquele que rompe com o equilíbrio cognitivo e exige que o aluno busque um novo entendimento. Isso não é simples de fazer, mas é muito mais significativo. E pensar nisso enquanto preparo minha primeira aula de estágio me coloca diante de um desafio real: como criar uma situação de ensino que vá além da repetição e que convide o aluno a pensar?

Outro ponto que ficou forte tanto na leitura quanto no debate foi o papel do professor. Ele continua sendo uma autoridade, mas não no sentido autoritário, e sim como alguém que conduz, escuta e organiza a aprendizagem. Isso exige planejamento, sim, mas também disposição para o imprevisível. O professor precisa saber escutar os alunos e, mais do que isso, saber perguntar bem — porque uma boa pergunta pode valer mais que uma resposta certa. Mesmo eu ainda não tendo certeza se a sala de aula será meu destino profissional, percebo o quanto essa postura é valiosa, inclusive para além do magistério.

A professora também chamou atenção para o papel da motivação. Muitas vezes, caímos na armadilha de achar que o aluno precisa chegar motivado para que a aula funcione. Mas o texto mostra que o problema bem formulado, o contexto significativo e a investigação em si podem gerar engajamento. Isso muda nossa

responsabilidade enquanto professores: mais do que cobrar interesse, precisamos saber despertar o interesse.

No geral, o texto e a aula me ajudaram a ver que ensinar por investigação não é apenas uma estratégia diferente, mas uma mudança na forma como se concebe a aprendizagem. É menos sobre “passar conteúdo” e mais sobre criar condições para que o conhecimento faça sentido, cause estranhamento e convoque o aluno a agir intelectualmente. Levar isso para a minha primeira experiência como ministrante de aula no estágio vai ser um desafio — mas é também uma chance de experimentar um outro jeito de ensinar, mais conectado com o pensamento científico e com a formação crítica.